

Papéis e identidades de gênero no cotidiano escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos

Rachel Pulcino
Raquel Pinho
Marcelo Andrade

127

Resumo

O que pensam os/as jovens de ensino médio sobre os papéis de gênero? Como eles/elas representam sexismo e machismo no cotidiano escolar? Partindo dessas questões, o artigo problematiza como estudantes do ensino médio da rede pública estadual do Rio de Janeiro percebem as identidades de gênero no cotidiano escolar e nas relações sociais. Em primeiro lugar, evidenciamos os principais referenciais teóricos sobre questões de gênero utilizados na pesquisa. A fim de caracterizar o problema de pesquisa, abordamos os caminhos metodológicos e apresentamos a escola pesquisada e seus estudantes. A pesquisa baseou-se, principalmente, em entrevistas semiestruturadas e grupos focais com os/as estudantes. Por fim, apontamos as principais ideias explícitas e/ou veladas que circundam no imaginário destes/as estudantes sobre as identidades de gênero e indicamos alguns caminhos para o debate sobre os papéis de gênero na escola.

Palavras-chave: gênero; identidade; machismo; sexismo; cotidiano escolar.

Abstract

Roles and gender identities in daily school life: students' perception about the relations between sexes

What do high school students think about gender roles? How do they represent sexism and machismo in daily school life? Based on these issues, this article discusses how high school students from the public school state system of Rio de Janeiro perceive gender identities in everyday school life and in social relations. First, we highlight the main theoretical references about gender issues used in this research. In order to characterize the research problem, we address the methodological approaches and present the researched school and the students. The research was based mainly on semi-structured interviews and focal groups with the students. At last, we point out the main explicit and/or veiled ideas that surround the imaginary of these students about gender identities and indicate some possible ways to the debate on gender roles in school.

Keywords: gender; identity; machismo; sexism; daily school life.

Introdução: um breve debate sobre os gêneros

128

Os estudos de gênero têm seu surgimento associado aos Estudos Feministas, que reivindicavam maior visibilidade às questões das mulheres. As feministas estavam interessadas em modificar a situação de exclusão social e política a que as mulheres foram submetidas. Segundo Guacira Lopes Louro (2003), as lutas feministas estavam marcadas inicialmente por seu caráter de denúncia. Dessa forma, naquele momento histórico, o mais importante era demarcar as desigualdades existentes entre homens e mulheres. Assim, pouco a pouco, as teóricas feministas começaram a perceber que a mulher, enquanto categoria de análise, acabava por manter alguns impasses quando o assunto era o tema da diferença sexual.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (Guacira Lopes Louro,¹ 2003, p. 21).

Segundo Jane Felipe (2007, p. 78), a importância dos estudos de gênero no campo educacional foi firmada principalmente após a criação do Grupo de Trabalho

¹ Optamos por referenciar os/as autores/as com nome e sobrenome e não apenas com sobrenome, como é feito usualmente. Consideramos que referenciar apenas o sobrenome reforça a ideia de um suposto sujeito neutro, que, na maioria das vezes, é subentendido como do gênero masculino. Nossa opção é uma forma de evidenciar as mulheres na pesquisa, principalmente no que se refere às lutas de reconhecimento e valorização da identidade feminina.

Gênero, Sexualidade e Educação (GT 23), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em 2005. Para a autora, a constituição do novo grupo de trabalho mostrou, de uma maneira ainda inicial, o reconhecimento e a sensibilidade de parte da comunidade acadêmica para essas questões. Hoje, quase uma década depois da constituição do GT 23 da Anped, é provável que pouco se questione, na pesquisa educacional, a validade ou não das investigações acadêmicas sobre questões de gênero e sexualidade. No entanto, cumpre registrar que ainda há muito que se avançar para a consolidação da relevância dessas temáticas nas pesquisas e nas práticas educacionais.

As escolas se constituem como espaços fundamentais para a socialização dos/as jovens e muitas vezes nelas são reproduzidas relações de poder que incluem práticas machistas e sexistas. Não obstante, acreditamos que as pesquisas que se interrogam sobre o cotidiano escolar devem estar preocupadas em perceber como a presença de estereótipos de gênero pode acentuar situações de preconceito e discriminação nas escolas.

Para ampliar as discussões em torno do gênero e da sexualidade, é fundamental observar de que forma, na nossa cultura e em outras também, os vários grupos sociais elaboram minuciosas estratégias de controle sobre os corpos masculinos e femininos, criando expectativas em torno deles, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis, categorizando-os como normais ou anormais. (Jane Felipe, 2007, p. 80)

Mas como podemos ajudar na desconstrução de estereótipos de gênero e sexuais no cotidiano escolar? Como tentaremos retomar ao fim deste artigo, identificamos, enquanto importante estratégia, a promoção de debates no cotidiano da escola sobre como construímos noções de normalidade e anormalidade em relação ao gênero e à sexualidade. Em outras palavras, debates sobre o processo histórico e social de transformação das diferenças em desigualdades e de naturalização ou de invisibilidade dessas desigualdades. Consideramos como central uma atitude interrogativa diante dos significados que são atribuídos aos homens e às mulheres e dos padrões normatizadores de masculino e feminino em nossas sociedades. Assim, não basta apenas reconhecer que existem diferentes expectativas para mulheres e homens, mas também perceber por meio de quais mecanismos sociais o controle dos corpos é reiterado ao longo da vida escolar dos/as estudantes, de modo a desvelá-los e tornar o tratamento dos gêneros mais igualitário. Como controle dos corpos, entendemos, com Michael Foucault (2013), a reiteração de discursos, hábitos, práticas, gestos, vestuários e modificações físicas do corpo (corte de cabelo, adereços, tatuagens e cirurgias plásticas) que visam estabelecer padrões, normatizantes e socialmente aceitos, de feminilidade e de masculinidade.

Repetidas e reiteradas ao longo da vida dos indivíduos, as normas se constituem como saberes naturalizados, que irão marcar toda nossa percepção acerca daquilo que entendemos que deve ser um comportamento humano (Michael Foucault, 2013, p. 17-18). Segundo Guacira Lopes Louro (2008), esses saberes naturalizados guiam nossa visão daquilo que é tido como normal e anormal. No caso específico

das identidades de gênero, é necessário que reconsideremos como aprendemos que determinados grupos sociais e indivíduos são demarcados como diferentes.

Portanto, antes de simplesmente assumir noções “dadas” de normalidade e de diferença, parece produtivo refletir sobre os processos de inscrição dessas marcas. Não se trata de negar a materialidade dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características materiais adquirem significados. Como isso tudo aconteceu e acontece? Através de que mecanismos? Se em tudo isso estão implicadas hierarquias e relações de poder, por onde passam tais relações? Como se manifestam? Não, a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada. (Guacira Lopes Louro, 2008, p. 22).

Para contestar tais mecanismos de produção e reprodução das desigualdades de gênero nos ambientes escolares, partimos da compreensão de que o masculino e o feminino não são características dadas ou naturais aos seres humanos, mas sim características que aprendemos e reafirmamos ao longo de nossas vidas, ou seja, trata-se de reiterados controles dos corpos. Portanto, reconhecemos que os estudos de gênero devem se preocupar ainda mais em pensar os problemas que cercam o universo escolar, possibilitando novos debates para a área educacional. O desafio da educação, na perspectiva de desnaturalização dos papéis de gênero, seria promover o diálogo entre as diferentes identidades de gênero presentes no espaço escolar, com o objetivo de reforçar uma visão crítica de mundo, pautada no combate ao preconceito e à discriminação. Sendo assim, torna-se fundamental um aprofundamento dessas questões para que possamos reconhecer os limites produzidos e, muitas vezes, repetidos diariamente por nós e diante de nossos olhos, mas também para que possamos refletir sobre eles e consigamos superá-los.

130

Sobre a metodologia: foco nas interações e nos depoimentos

Esta pesquisa faz uso das informações obtidas na pesquisa “Diversidade cultural, prática pedagógica e mínimos éticos: articulações entre a ética aplicada e os processos de ensino aprendizagem”², realizada entre 2008 e 2011 pelo Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s) (Gecec), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nela, buscamos nos aprofundar em quatro temáticas centrais para o cotidiano escolar: justiça, racismo, sexismo e homofobia. Neste artigo, trabalharemos sobre os dados relativos à temática do sexismo.

Iniciamos com uma investigação teórica, na qual foram levantados os conceitos centrais e a bibliografia recente referente à temática do sexismo, tal como apresentado brevemente na introdução deste artigo. Posteriormente, na análise empírica, averiguamos as concepções dos/as jovens do ensino médio a respeito das identidades e dos papéis de gênero, analisando como pensam e abordam o assunto. A metodologia, de abordagem qualitativa, contou com as seguintes estratégias: observação, grupo focal e entrevistas individuais.

² O Projeto de Pesquisa contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

A observação é a primeira forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Dessa forma, é também um procedimento básico da investigação científica (David Silverman, 2009, p. 69). Existem diversos tipos de observação: metódica, sistemática, direta, flutuante, *in situ*, naturalística, participante e não participante. Considerando nossos objetivos, foi realizada uma breve observação não participante do cotidiano da escola escolhida a fim de conseguir uma aproximação com o universo dos/as participantes pesquisados/as. A observação foi usada para a construção dos roteiros dos dilemas morais, trabalhados por meio de grupos focais. Por sua vez, as respostas desses/as estudantes durante cada grupo focal foram usadas como base para a construção dos roteiros das entrevistas, que foram realizadas individualmente com os/as mesmos/as envolvidos/as na primeira etapa da pesquisa. Para cada uma das quatro temáticas, foi realizado um grupo focal e perguntas específicas no roteiro de entrevistas.

Após coletar um significativo volume de dados, foi preciso organizá-los e estruturá-los de modo a dar sentido às impressões, narrativas e acontecimentos dentro do recorte escolhido. A análise de dados foi feita com o *software* Atlas *TI*. Desenvolvido para análise de dados qualitativos, o Atlas *TI* realiza o recorte das informações de acordo com as referências conceituais, gerando relatórios direcionados às temáticas e otimizando o processo analítico de dados coletados para a pesquisa.

O Colégio Guarani: “liberdade com responsabilidade”

O Colégio Guarani é uma escola estadual de ensino médio, localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ele foi inaugurado em 1965 e, desde sua origem, possui o lema “liberdade com responsabilidade”, que funciona tanto como filosofia direcionadora quanto como mito fundacional da escola. A atual proposta pedagógica do colégio procura manter esse pressuposto.

A escola atende a moradores/as de diversas comunidades e bairros cariocas: Rocinha, Vidigal, Cidade de Deus, Rio das Pedras, Gardênia Azul, Itanhangá, Madureira, Recreio, Vargem Grande, entre outros. O Colégio Guarani é considerado uma referência na rede estadual de ensino médio. Como toda a rede, enfrenta os problemas sociais externos a ele, a saber: violência, alcoolismo, gravidez na adolescência e reconfiguração do modelo familiar. Além disso, ainda precisa enfrentar seus próprios desafios, como evasão escolar e repetência, em função do próprio histórico de vida dos/as estudantes e dos percalços resultantes das políticas públicas educacionais.

Sobre a estrutura física, o colégio apresenta três andares com salas de aula, biblioteca, sala de leitura, sala de informática, sala de vídeo, pátio, quadra de esportes, auditório e cantina. A escola opera em três turnos, reunindo quase três mil estudantes e 120 professores/as, e conta com uma direção geral e três direções adjuntas. Considerando o espaço que a escola possui, podemos classificá-la como uma unidade de grande porte. Em que pese o tamanho da escola, vale registrar que esta apresentava um bom nível de organização e de limpeza em todos os espaços que

visitamos, o que pode indicar o quanto os/as estudantes gostam do colégio, pois só se cuida daquilo que se respeita ou com que se identifica. Existe, dessa forma, um sentimento de pertencimento dos/as jovens à comunidade escolar, bem como o compromisso das direções em manter o espaço cuidado e organizado.

A escola investe recursos em teatro e dança, com projetos socioeducativos e professores/as voluntários/as. Muitos trabalhos de artes estavam expostos pelos corredores ou afixados em murais, em forma de colagens, maquetes, pinturas e cartazes. Também nos chamaram a atenção alguns cartazes voltados para conscientização de questões sociais, construídos pelos/as jovens durante as aulas, envolvendo questões de desequilíbrio ambiental, direitos humanos, poluição, *bullying*, homofobia e racismo. Num primeiro momento, isso nos pareceu um trabalho feito no sentido de sensibilizar e empoderar os/as jovens para questões relevantes do cotidiano, por meio de instrumentos e debates culturais. Contudo, ao conversar com a professora responsável, esclareceu-se que era uma atividade sobre propaganda, cujo conteúdo produzido pelos/as estudantes (homofobia, racismo e direitos humanos) não era o foco do trabalho e não foi contemplado em debate. Assim, entendemos que existe uma emergência dos temas sociais entre os/as jovens.

As aulas de Educação Física parecem estimular as práticas inclusivas e participativas. Elas são um momento do qual ninguém ficava de fora, porém existia uma diferenciação clara entre os jogos para meninas e os jogos para meninos. Geralmente, elas ficavam de um lado, jogando queimado, com um ou dois meninos no grupo. E eles ficavam de outro, jogando futebol, sem nenhuma menina no grupo.

O pátio é um espaço dos/as estudantes. Eles/as estão no pátio durante a entrada, a saída, o recreio e quando são liberados/as das aulas. Parece haver pouquíssimo controle sobre os/as alunos/as, pois havia apenas dois/uas inspetores/as presentes nesse espaço e todos/as os/as docentes estavam na sala de professores/as. Existe apenas um/a inspetor/a por andar. A disciplina parece ser um ponto forte do colégio, pois os/as estudantes sobem para as aulas quando o sinal é batido e cuidam da manutenção da limpeza do pátio.

Sobre os/as estudantes: conectados/as e relacionais

A questão da autonomia e da responsabilidade está presente em diversas atitudes dos/as funcionários/as, refletindo-se na aquisição de responsabilidades pelos/as estudantes. Em um momento de observação, a orientadora educacional apontou uma questão relacionada com a cultura dos/as jovens: a pichação. Um/a dos/as inspetores/as indicou que a escola “aperta desde o início”, o que explicou como: “Se pichar, limpa a parede. Caso não saia, vai ter que trazer tinta e pintar o local”. É interessante notar que o tipo de punição aplicada, direcionada para o problema e desvinculada de pontos ou notas, se configura mais como ação corretiva do que como punição. A proposta pedagógica do colégio inclui a identificação de limites e a diferenciação entre direitos e deveres, duas condições fundamentais para

a formação ética desses/as jovens. Isso parece contribuir para que os/as estudantes sintam orgulho de pertencer à escola.

A escola também possui um grêmio estudantil, que é outro referencial de empoderamento dos/as estudantes. A presidente é uma menina, que demonstra orgulho de pertencer ao Colégio Guarani, mas também demonstra um posicionamento crítico em relação a várias questões do colégio, como a prática pedagógica e algumas atitudes de professores/as em sala de aula. O fato de a presidente do Grêmio ser uma menina já nos leva a refletir sobre como funciona a questão dos gêneros na escola e sobre o empoderamento feminino nesse contexto.

Os/As jovens utilizam formas variadas de descontração no pátio, que vão desde ouvir músicas individualmente até jogar cartas ou bola. As quadras são usadas para futebol e vôlei, e suas arquibancadas servem de ponto de encontro. A maioria dos/as jogadores/as são homens. Alguns/mas jovens se mantêm o tempo todo conectados/as a celulares e aparelhos eletrônicos, utilizando-os para ligações, trocas de mensagens, música e fotografias. O fone de ouvido é muito presente e, muitas vezes, compartilhado. Entretanto, isso não significa que não interajam, já que as conversas entre os/as participantes dos grupos ocorrem independentemente de estarem ou não ouvindo música ou enviando mensagens.

Normalmente, são poucos/as os/as estudantes isolados no pátio. A maioria ficava em pequenos grupos conversando e interagindo. Os grupos são formados somente por meninos, somente por meninas ou são mistos. Não presenciemos conflitos ou brigas, ao contrário, os/as jovens descreviam movimentos de aproximação e identificação com pares que compartilhavam os mesmos interesses. Também eram comuns atitudes de carinho entre alguns casais heterossexuais, na maioria das vezes, beijos escondidos entre abraços. Assim como o afeto e os abraços entre amigos/as: entre as meninas e entre meninas e meninos. Já entre os meninos não acontecia o mesmo. Em nenhum momento eles trocam contato físico mais afetuoso, a não ser tapinhas nas costas e na cabeça, sempre com alguns sinais de agressividade. Algumas agressões simbólicas foram verbalizadas pelos/as estudantes, em situações de escárnio ou implicância, e que são encaradas com bom humor pelos/as jovens. Os/As envolvidos/as significam esses momentos como piada ou brincadeira, respondendo com risadas ou com silêncio. Em um momento, emergiu uma manifestação de homofobia velada no tom de brincadeira, quando um jovem se dirigiu a outro da seguinte maneira: "Porra, seu bicha!". Em outra situação, a homofobia foi agravada pelo racismo, quando uma menina chamou um colega negro com trejeitos femininos para a sala dizendo: "Vamos, sua macaca!". Discutiremos essas questões dos discursos sobre papéis de gênero mais adiante.

Há ainda uma afirmação de lugares na hierarquia social durante esses momentos de interação. Nitidamente, a aparência é o principal instrumento de destaque e denúncia das posições sociais entre os/as estudantes. As meninas que mais se destacavam em relação a suas atitudes em grupo, também eram aquelas com um vestuário mais elaborado. Apesar de todas vestirem o mesmo uniforme, existe a utilização de acessórios coloridos e grandes, desde celulares, pulseiras e brincos até mochilas e tênis. Em contrapartida, as meninas mais isoladas durante

os intervalos geralmente não apresentavam tantos acessórios. Muitos meninos usavam boné. Existe uma tendência de penteados afros entre os/as jovens – que são majoritariamente negros e pardos –, como o uso de *dreads*, tranças nagô e *black power*.

Todos/as os/as jovens que participaram dos grupos focais e das entrevistas se inscreveram voluntariamente e com autorização dos/as respectivos/as responsáveis. Ao final de cada entrevista, foi entregue um formulário ao/à entrevistado/a, no qual constavam perguntas sobre idade, cor, sexo, série que cursava no momento e bairro onde residia. Com isso, foi construído um quadro descritivo dos/as participantes. Percebemos a composição de um grupo bastante misto, no que se refere à cor, ao gênero, à série e ao local onde mora (Anexo 1). Foram entrevistados/as oito meninos e seis meninas. Entre estes quatorze, um aluno declarou ser homossexual. É importante destacar que essa pergunta não foi feita a nenhum/a dos/as jovens, mas, diante das temáticas trabalhadas pela pesquisa, Renato³ teve a iniciativa de nos explicitar sua sexualidade.

O grupo focal: “A gente tá discutindo é machismo, né?”

Durante as observações, registramos três situações da escola de onde emergiam conflitos: as colas nas provas; o namoro na escola; o consumo de bebida por adolescentes. Usamos o tema do consumo de bebida alcoólica como ponto de partida para o dilema sobre questões de gênero. É importante esclarecer que a questão do sexismo não foi explicitamente divulgada para os/as jovens no momento do grupo focal, pois gostaríamos de observar se eles/as chegariam a essa conclusão ou não. Como veremos, na e pela interação propiciada pela metodologia do grupo focal, eles/as chegaram sim à conclusão de que estavam debatendo uma situação na qual os papéis de gênero estavam diferenciados e hierarquizados, o que, segundo os/as depoentes, era um exemplo de machismo – como mostra a fala identificada no subtítulo desta seção.

O dilema aqui analisado referia-se, aparentemente, ao consumo de bebida alcoólica e foi pedido aos/às estudantes que debatessem sobre uma história. Esse dilema era apresentado em dois momentos. Num primeiro momento, o dilema envolvia um menino e, num segundo momento, o mesmo dilema envolvia uma menina. Logo, existiam dois temas em jogo: (i) as regras e os valores que os/as agentes movimentam para resolver atitudes censuráveis e (ii) seu posicionamento diante de uma atitude discriminatória do *outro*.

O dilema em questão possui quatro personagens: Marcos, Fernanda, Sr. Túlio e Débora. O Sr. Túlio é o pai de Marcos e Fernanda. Na primeira parte do dilema, Marcos bebe e se envolve com duas meninas. A orientadora da escola, Débora, liga para o Sr. Túlio para aconselhá-lo a conversar com o filho, mas o pai trata a situação com naturalidade, com pouca importância, “coisa de garoto”. Na segunda parte,

³ Todos os nomes citados são fictícios. Esse artifício foi utilizado a fim de resguardar a identidade dos/as participantes, tal como acordado com estes/as no processo de pesquisa.

meses depois, a filha também bebe e se envolve com um rapaz. Ao chegar em casa, o pai não a recebe como recebeu ao filho (Anexo 2).

Na primeira parte do dilema, os/as alunos/as direcionam o debate para cinco questões principais:

- 1) se a escola deve ou não interferir na criação dos/as jovens, isto é, se deve levar aos/às responsáveis situações que ocorram fora da escola;
- 2) em quais situações os/as jovens teriam uma boa justificativa para consumir bebidas alcoólicas em excesso;
- 3) qual o grau de confiança que existe entre pais e filhos;
- 4) como o amadurecimento dos/as jovens está relacionado à diminuição do consumo de bebidas; e
- 5) como o consumo excessivo de bebidas está relacionado a brigas e violência física.

Na segunda parte do dilema, cujo foco é o tratamento diferenciado que o pai dá para seu filho e sua filha, vimos que:

- 1) a maioria dos/as estudantes, principalmente as meninas, reconhecem a atitude do pai como machista;
- 2) um aluno afirma que quando uma mulher sai com vários homens é mais reprovável do que o oposto;
- 3) os/as jovens indicam que mães, em comparação aos pais, são pessoas benevolentes e tratam os/as filhos/as de forma mais igualitária e, ao mesmo tempo, carinhosa;
- 4) também acentuam que é comum os pais, ao contrário das mães, terem atitudes mais machistas, as quais são consideradas proteção às filhas;
- 5) os/as estudantes dizem que tratariam filhos/as de gênero diferentes da mesma forma;
- 6) colocam que as mulheres são “naturalmente” mais vulneráveis, enquanto os homens possuem “naturalmente” um instinto de desejo sexual pulsante e incontrolável; e
- 7) relatam que a educação familiar é diferenciada para meninos e meninas.

Apesar de conversarem sobre os instintos e as essências dos gêneros, no decorrer do debate, um aluno traz à discussão a imposição social de tais ideias sexistas:

Fernanda: *Isso aí é o que a sociedade impõe... mas cada um tem a sua maneira de pensar...*

Greg: *Mas aí cada um pode se livrar, se vai querer lidar... se vai querer seguir o status quo ou então se vai querer ter sua própria opinião.*

Mark: *Mas aí é a opinião dos outros que vai te... [...] entendeu?*

Fernanda: *É o que a sociedade faz, mas eu acho que o pai tinha que igualar.*

As entrevistas: “homem não rebola” e “menina não fala palavrão”

A escolha de entrevistas se justifica pelo desejo de mapear classificações, crenças, normas e valores que os/as jovens pesquisados/as articulam para entender e explicar o universo simbólico dos gêneros. As entrevistas são uma oportunidade para os/as entrevistados/as se explicarem, falando de si, encontrando as razões por que se age e se vive (Manuel Jacinto Sarmento, 2003, p. 163). Nesta pesquisa, realizamos quatorze entrevistas. O critério de escolha destes/as jovens se deu pela participação no grupo focal realizado anteriormente. As entrevistas foram realizadas nas dependências da PUC-Rio, duraram cerca de quarenta minutos cada uma e foram, posteriormente, transcritas e analisadas através do Atlas TI. Elas foram realizadas com dois/uas entrevistadores/as, atuando um/a como interlocutor/a e outro/a como observador/a, o que possibilitou um relato mais detalhado dos depoimentos.

Assim como os dilemas morais, o roteiro das entrevistas está dividido em quatro partes: justiça, gênero, raça e sexualidade. Vamos nos ater à seção sobre gênero. Nela, os/as entrevistados/as responderam a quatro perguntas, a saber:

- 1) Para você, há comportamentos próprios para homens e outros para mulheres? Dê exemplos.
- 2) Há diferenças na educação para meninos e meninas? Se sim, quais? Dê exemplos. O que você acha sobre isso? Se não, por quê?
- 3) Você acha que garotos e garotas de hoje em dia têm atitudes machistas? Se sim, quais?
- 4) Você acha que os/as professores/as, diretores/as e funcionários/as dão tratamentos diferenciados para garotas e garotos? Por quê? Se sim, dê exemplos.

Para facilitar a análise, construímos um quadro resumo das respostas (Anexo 3). Com isso, verificamos que, na pergunta “Para você, há comportamentos próprios para homens e outros para mulheres?”, a maioria diz que a sociedade impõe comportamentos de gênero, mas acredita que isso está mudando e/ou não deveria ser assim, exceto Mark, que foi o único entrevistado que enxerga o próprio machismo e acredita que devem ser perpetuados os papéis de gênero, apesar de não conseguir explicar o porquê. Dois/uas entrevistados/as discordam da existência dessa diferença imposta socialmente, não por incapacidade de percebê-la, mas por acreditarem que essa barreira já está superada. Em geral, os/as depoentes utilizam para estas respostas referências familiares ou de suas próprias vivências.

Na segunda questão, “Há diferenças na educação para meninos e meninas?”, a maioria concorda que existe diferença na educação familiar, salvo dois alunos. Esses dois rapazes apresentaram um forte discurso de sua própria rotina familiar, mas, quando confrontados com a realidade de outras famílias, reconheceram que em algumas ainda há tratamentos diferenciados. Apenas um aluno (Joey) manteve coerência e discordou das duas primeiras questões. Um aluno (Matheus) e uma aluna (Amber) apresentaram respostas conflitantes, pois enxergam dinâmicas familiares e sociais distintas, como se não houvesse interferência entre elas.

Na terceira pergunta, "Você acha que garotos e garotas de hoje em dia têm atitudes machistas?", a maioria enxerga atitudes machistas na sociedade, porém fora do seu grupo de convívio. Alguns apresentaram dificuldade de explicar o que é machismo, confundindo o conceito com homofobia, ou considerando que brincadeiras machistas não são expressões de machismo. Aqui vale ressaltar que o (P), presente no quadro do Anexo 3, indica um conhecimento parcial do conceito, justamente pelas razões apresentadas anteriormente. Os exemplos mais citados sobre machismo foram:

- 1) As mulheres realizam as tarefas domésticas, enquanto os homens não possuem essa obrigação.
- 2) As meninas não têm a mesma liberdade que os meninos para sair de casa, isto é, são consideradas mais presas e dependentes do cuidado familiar.
- 3) Os meninos têm mais liberdade de modo geral, sendo ressaltada a liberdade sexual, uma vez que estar com várias garotas é uma vantagem social para eles.
- 4) Os homens possuem um instinto natural de desejo sexual e cabe às mulheres frearem esse tipo de desejo.
- 5) As brincadeiras infantis são permitidas e controladas de forma diferente para cada gênero.
- 6) Os homens em geral possuem modos próprios de andar, sentar e falar, a saber: "sem rebolar", "de pernas abertas" e com liberdade de expressão, respectivamente.
- 7) As mulheres devem ser mais recatadas e delicadas, a saber: sentar e andar de forma comportada, não falar palavrão, não brigar, não fazer barraco.
- 8) Das mulheres são esperadas atitudes de fofoca.

Na quarta e última pergunta, "Você acha que os/as professores/as, diretores/as e funcionários/as dão tratamentos diferenciados para garotas e garotos?", os/as alunos/as respondem majoritariamente que não. Fernanda responde que existe tratamento diferenciado, contudo ela exemplifica com casos de homofobia, e não de sexismo ou machismo.

Fernanda: Acho que sim. Até porque você não tem um banheiro de meninos e meninas. Tipo, o menino que tem opção sexual diferente dos outros meninos, até no banheiro eles sofrem preconceito. No banheiro está escrito: eles, elas. Não tem um misto, sacou?

Renato também responde que sim à quarta pergunta, mas indica claramente que o professor de Matemática dá atenção diferenciada às alunas, tendo ele recebido uma nota baixa e uma colega uma nota alta pelo mesmo trabalho que fora realizado em dupla.

Renato: [Pausa] *Professor homem, sim. Eu vejo muito.*

Pesquisador 1: *Você pode explicar como é isso?*

Renato: *Uhum. Tem um professor homem aqui nessa escola que prefere as garotas. E como tem aquela intimidade: as garotas brincando com o professor, aí ele sempre*

dá nota, ajuda elas. Elas fazem charminho, fica lá em cima, e ele ajudando e tal. Eu tenho um exemplo comigo mesmo que eu fiz recuperação junto com uma amiga minha. É. Tipo, a gente tirou uma nota mediana. Mas ele deu nota máxima pra ela e deu nota zero pra mim. Tipo, era pra mim ter ficado pelo menos com mediana. Era o certo. Tá, tudo bem, ele aumentou a nota dela, mas tirou de mim? Como assim?

Pesquisador 1: *Neste caso, é um professor ou são os professores da escola que tratam diferente? É um caso isolado?*

Renato: *A maioria dos professores homens dão preferência às mulheres, explica a elas direito. Agora quando é um homem, explica lá de qualquer jeito. "Ah, se vira".*

Pesquisador 1: *E as professoras mulheres tratam igual?*

Renato: *Ah, as professoras mulheres, em geral, tratam todo mundo do mesmo jeito.*

Verificamos que para os/as entrevistados/as a educação familiar é sexista, enquanto a educação escolar seria mais neutra. Isso pode ser considerado um avanço na forma como a escola lida com as diferenças. Porém, precisamos lembrar que existem mecanismos sutis e velados, praticamente imperceptíveis para esses/as depoentes, que contribuem para a perpetuação do sexismo e do machismo, como a manutenção das seguintes práticas: filas de meninos e meninas, banheiros separados, representações nos livros didáticos.

Três alunos – Renato, Joey e Bruno – indicam que a superação do machismo e do sexismo são condições para uma sociedade mais justa e tolerante, pois o preconceito e a discriminação entre homens e mulheres contribuiriam para a deterioração dos relacionamentos. Esses depoimentos nos fazem entender ainda mais a importância de se lutar por um tratamento igual, preservando as diferenças e repudiando a inversão da lógica de dominação, isto é, acreditamos que a subalternização do homem não é necessária nem desejada para que a mulher seja valorizada no espaço social.

Jéssica: *O machismo é... Acho que é bobeira hoje em dia, assim, estamos na atualidade, século 21, a mulher dirige, sabe? Não tem isso não que a mulher tem que ficar em casa fazendo comida, não tem muita lógica, hoje não. Minha mãe mesmo, ela saiu de casa pra trabalhar, sabe? Meu pai não queria que ele trabalhasse, não queria que ela sáísse, nem que estudasse, sabe? Ela separou dele, veio pra cá, está trabalhando, queria estudar... Acho que não tem isso não, acho que o machismo acaba acabando com o relacionamento de certas pessoas.*

Pesquisador 1: *Que aquilo vai gerar uma mudança boa. O que você acha que ia gerar de bom se não tivesse preconceitos entre homens e mulheres?*

Bruno: *Acho que as pessoas viveriam harmonicamente, mais em paz.*

Entendemos sexismo como a categorização de papéis de gênero, na qual são atribuídas certas atitudes para homens enquanto são atribuídas outras atitudes para mulheres. Entendemos machismo como uma discriminação em relação à mulher, na qual atitudes reiteradas de desvalorização e inferiorização contribuem para a

subalternidade da identidade feminina, o que significa a exclusão dessa identidade de certos espaços sociais. Dito de outra forma, essas atitudes impedem a participação plena das mulheres na sociedade, negam direitos já conquistados e as colocam em situação de não cidadania.

Machismo: Também se diz atualmente masculinismo. Conjunto de valores e normas que têm como objetivo manter privilégios dos homens em detrimento das mulheres, considerando estas como naturalmente inferiores àqueles. (Sandra Azerêdo, 2007, p. 119).

A partir desses conceitos, analisamos o discurso dos/as entrevistados/as e verificamos que geralmente um discurso machista é também um discurso sexista. Contudo, não se trata de uma relação engessada, pois observamos que Bianca acredita na necessidade de existirem papéis de gênero, mas repudia a hierarquização desses papéis. Por outro lado, Greg e Matheus possuem um discurso que nega a existência de papéis de gênero, mas com caráter machista, uma vez que indicam que quando é brincadeira não é preconceito e utilizam palavras de cunho conservador para qualificar o comportamento feminino.

Pesquisador 2: *Você percebe que tem algum preconceito contra as mulheres? De a mulher ser desvalorizada só por ser mulher? Não ser reconhecido seu valor só por ser mulher?*

Greg: *Ter tem, mas é o que eu digo, depende da pessoa. Por exemplo, num grupo, lá no meu grupo, a gente não tem isso, a gente brinca pelo fato de eu ser menino e ela ser menina, mas não é preconceito é amizade mesmo, entendeu? "Ah, Paty! Você é um mulherão e não sei o quê", que é uma amiga minha, a Patrícia. Ela é mulher, pelo fato dela ser mulher eu tô implicando com ela, mas é uma brincadeira, não é o fato de ser um preconceito, é a nossa amizade mesmo, entendeu? [grifos nossos]*

Pesquisador 1: *E quando tem aquela menina lá da festa que quer curtir com todo mundo?*

Matheus: *É diferente.*

Pesquisador 1: *O que é diferente?*

Matheus: *Porque tem menina que é assim. Tem menina que quer ficar, zoar, e tem menina que é direitinha.*

Pesquisador 1: *Hãn... Então, as meninas que querem ficar e zoar... Elas estão erradas?*

Matheus: *Não, não acho que elas estão erradas. É o jeito delas, tem que curtir do jeito delas.*

Considerações finais: o que aprendemos com os estudantes

Como tentamos argumentar na apresentação dos dados, no grupo focal, eles/as entenderam a atitude do pai como machismo. Os/as depoentes indicam que existe um tratamento diferenciado para cada gênero. Contudo, ponderam que pode ser uma questão de proteção do pai, pois as meninas seriam – naturalmente e socialmente

– mais frágeis que os meninos. Com isso, percebemos a recorrência dos estereótipos de gênero: a mulher como recatada, benevolente, maternal, frágil; o homem como namorador nato, disciplinador, não emotivo, forte.

Ainda observamos o estereótipo da mulher que exerce sua sexualidade, que é vista como “depravada” e merecedora de desconfiança. Como destaca Sandra Azerêdo (2007, p. 23), em nossa sociedade heteronormativa, existe uma dicotomia fundamental (no sentido mesmo de fundante) entre a virgem e a puta. Dicotomia que define as mulheres em relação aos homens e não em relação a si mesmas. Mesmo que tenhamos ressignificado alguns comportamentos de gênero, tal dicotomia ainda perpassa o imaginário social e se apresenta como instrumento popular de análise das situações cotidianas, como verificamos entre os/as depoentes desta pesquisa.

Aliadas ao debatido no grupo focal, as falas dos/as alunos/as coletadas durante as entrevistas compõem um relatório sobre como concepções normatizantes acerca dos papéis sociais esperados para mulheres e homens mostram-se ainda profundamente enraizadas em nossa sociedade, mesmo entre os segmentos mais jovens. Ao mesmo tempo que alguns/mas alunos/as afirmam que tais diferenças de gênero já estão superadas, outros/as revelaram visões fortemente machistas e sexistas, chegando a dissociar as brincadeiras com o corpo feminino do preconceito. Judith Butler (1997b, p. 158) e Joan Scott (1999, p. 42) indicam que a linguagem e o discurso produzem as identidades, valorizando certas características em detrimento de outras. Judith Butler (1997a, p. 2) traz também a ideia de sujeição, não apenas como o processo de se tornar sujeito, mas ainda como o processo de se tornar subordinado ao poder. O sujeito produzido não é visto aqui como indivíduo isolado, mas como identidade coletiva. Torna-se contingente desvelar as brincadeiras e outros discursos velados que colocam as mulheres subalternizadas em relação aos homens e que reforçam os estereótipos dicotômicos entre virgem e puta.

Sendo assim, a permanência dessas ideias demonstra uma necessidade de reflexão sobre como as identidades de gênero são produzidas e sobre quais mecanismos reproduzem lógicas hierarquizantes e classificatórias, colocando mulheres e homens em lugares distintos e assimétricos.

É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. (Guacira Lopes Louro, 2007, p. 204)

Concordamos com a autora quando afirma que os/as pesquisadores/as não podem deixar de estranhar a permanência desses discursos, assim como não devemos aceitar o intolerável, ou seja, as situações cotidianas de machismo e sexismo. Ao contrário, devemos aproveitar essas práticas no cotidiano escolar para estranhá-las, desconstruí-las e reconstruí-las em termos igualitários que respeitem e valorizem as diferenças de gêneros, contemplando todas as possibilidades de masculinidades e feminilidades.

Como tais questões não são discutidas ativamente na escola, pensamos que um caminho para a superação do machismo e do sexismo seja um espaço direcionado para debater os papéis e as identidades de gênero, contextualizados na atualidade e ao longo da história. Também acreditamos que não basta eleger um dia para que esse debate aconteça se tais práticas sexistas e machistas são perpetuadas, cotidianamente, ao longo do ano letivo. É necessário que tais práticas e discursos sejam desvelados e as questões de gênero sejam consideradas diariamente em cada atividade pedagógica. A escola pode ser um importante espaço de desconstrução desses estereótipos, desde que esteja aberta para a reflexão coletiva e explícita, a discussão de ideias e a valorização das diferentes identidades de gênero. Nesse sentido, uma educação que esteja atenta às questões de gênero pode trazer duas importantes contribuições ao colaborar com o combate à discriminação e ao desenvolver práticas pedagógicas que articulem a igualdade e a diferença.

Referências bibliográficas

AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a "mulher": diferenças, poemas e corpos*. São Paulo: Cortez, 2007.

BUTLER, Judith. *The psychic life of power: theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997a.

BUTLER, Judith. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997b.

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e formulação de políticas públicas. *Pró-Posições*, Campinas, v. 18, n. 2, maio/ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir (Org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, Lamparina, 2003. p. 137-182.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia. *Falas de gênero*. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 1999. p. 21-55.

SILVA, Tomas Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

Rachel Pulcino, mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Em setembro de 2014 foi aprovada para o curso de doutorado em Educação, que terá início no primeiro semestre de 2015, nessa universidade. É membro do Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s) (Gecec). Em 2013 e 2014, atuou como professora do Módulo de Direitos Humanos, no Projeto Mãos à Obra, da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, coordenado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

rachelpulcino@gmail.com

Raquel Pinho, graduada em Ciências Biológicas (modalidades Ecologia e Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), é doutoranda em Educação e membro do Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s) (Gecec) nessa universidade.

raquel.aps@gmail.com

Marcelo Andrade, doutor em Ciências Humanas (Educação) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), realizou o Programa de Doutorado no Exterior (PDSE/CNPq) na Universitat de València, Espanha, é professor adjunto do Departamento de Educação da PUC-Rio, no qual coordena o Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas (Gecec).

marcelo-andrade@puc-rio.br

Recebido em 30 de setembro de 2014.

Aprovado em 31 de outubro de 2014.

Anexo 1**Quadro descritivo dos informantes⁽¹⁾**

Nome fictício	Sexo	Cor	Idade	Série	Bairro
Amber	Feminino	Branca	17	2º ano	Pedra de Guaratiba
Bianca	Feminino	Parda	16	2º ano	Recreio
Bruno	Masculino	Branca	18	3º ano	Madureira
Dean	Masculino	Parda	17	3º ano	Rocinha
Elena	Feminino	Branca	18	3º ano	Barra da Tijuca
Fernanda	Feminino	Amarela	16	1º ano	Vargem Grande
Greg	Masculino	Branca	17	3º ano	Tijuca
Jessica	Feminino	Branca	18	3º ano	Itanhangá
Joey	Masculino	Branca	16	2º ano	Itanhangá
Kelsy	Feminino	Parda	17	3º ano	Rocinha
Mark	Masculino	Branca	16	2º ano	Jacarepaguá
Matheus	Masculino	Branca	16	1º ano	Taquara
Paulo Henrique	Masculino	Branca	15	1º ano	Ipanema
Renato	Masculino	Parda	18	2º ano	Vidigal

Nota: (1) O quadro baseia-se em informações autodescritivas, ou seja, os estudantes responderam livremente às perguntas de um questionário informativo.

Anexo 2

Dilema sobre namoros, bebidas e festas⁴

Situação 1 – O dilema de Débora

Marcos tem dezesseis anos e terminou o namoro de um ano com Cristina. O fim do namoro foi uma dolorosa experiência para o jovem, que sempre preferiu uma namorada firme às ficantes. Ao final da festa junina da escola, uma semana após o fim do namoro, Marcos sai com uma turminha e resolve afogar as mágoas num bar próximo da escola. Marcos bebeu todas. Desiludido amorosamente e desinibido pela bebedeira, ele ficou com Paula. Após esta ter ido embora, Marcos ficou com Mariana, que chegou mais tarde no barzinho e não o havia visto com Paula. Em meio a uma cervejinha e outra, os amigos ficam impressionados com o novo estilo do amigo:

– Ô, ô, viva o Marcos 'pegadô' – cantarolam os jovens boêmios.

No final da noite, Marcos passou muito mal, vomitou muito e os colegas, um pouco menos embriagados, levam-no para a casa do amigo Rogério, cujos pais estavam viajando.

Segunda-feira após a festa, os comentários na escola foram inevitáveis. Pelos corredores, todos comentavam o fim do namoro de Marcos, a bebedeira, o seu novo estilo "pegador", os vômitos pelas ruas próximas à escola e, por fim, a fuga para a casa de um amigo a fim de evitar o constrangimento com a própria família.

Débora, a orientadora educacional da escola, também ficou sabendo das aventuras de Marcos. Conhecendo o jovem há cinco anos, Débora resolveu ligar para a família, para orientar que o rapaz precisava de um acompanhamento neste momento. Ao telefone, o pai do jovem fica sabendo de tudo. O Sr. Túlio mostra alguma preocupação com as atitudes do filho, mas diz à professora que isso era coisa de homem, que ele estava na idade de curtir mesmo, que bebidas e garotas fazem parte do amadurecimento de um rapaz e que achava muito estranho o antigo namoro com tanto compromisso.

– O garotão é muito jovem, professora, e tem que experimentar muita coisa ainda...

A fala do Sr. Túlio joga Débora num dilema. Qual deve ser a atitude dela agora? Será que há mesmo algum problema no comportamento de Marcos ao final da festa junina da escola? Afinal, ela poderia alegar que tudo se passou num bar e que a escola nada tem a ver com isso? Ela deve insistir com a família, quem sabe falando com a mãe de Marcos, já que o pai demonstrou uma postura despreocupada diante das novas atitudes do filho? Como ela deveria encaminhar o caso? Vale a pena conversar com Marcos sobre o incentivo dos amigos e do pai em relação à sua nova postura? Será que Débora está exagerando e se preocupando à toa?

⁴ Dilema elaborado pela equipe de pesquisa.

Situação 2 – O dilema passa para Marcos

Fernanda, irmã mais velha de Marcos, está com dezessete anos e estuda na mesma escola que o irmão. No final do ano, próximo a sua festa de formatura, Fernanda passa por uma situação parecida com a do irmão há alguns meses. O namorado de Fernanda terminou com ela, o que a deixou muito abalada, pois ele alegou que estava apaixonado por outra menina.

Fernanda resolveu que ia aproveitar ao máximo sua festa de formatura. Afinal, ela estava terminando o ensino médio, tinha recebido a notícia de aprovação no vestibular e ainda estava muito mal com o fim inesperado do namoro. A mistura de tantos sentimentos e o clima de festa formaram o cenário perfeito para Fernanda querer celebrar novas conquistas e afogar as mágoas. E assim foi. Ela bebeu muito, dançou a noite inteira e ficou com Adriano, um amigo do colégio que também estava se formando.

Ao final da festa, Fernanda acabou passando mal e vomitando muito. A jovem foi ajudada por Marcos, que resolveu voltar mais cedo para casa e acompanhar a irmã. Em casa, o Sr. Túlio perguntou o que havia acontecido. Fernanda, um tanto constrangida e sem ter como negar a situação, resolveu contar da noitada e da bebedeira. Marcos comentou num tom inocente e de brincadeira:

– Ah, não esqueça dos amassos com Adriano, né, mana?

A informação sobre os amassos com Adriano foi a gota d'água para o Sr. Túlio iniciar um longo sermão. O pai disse que a filha era uma grande decepção e que não aceitaria esse tipo de comportamento tão vulgar. Afinal, ela tinha terminado o namoro há alguns dias. Durante o sermão, o Sr. Túlio diz ainda que iria reclamar com a professora Débora, para que ela orientasse melhor os jovens do colégio e tomasse uma atitude, pois o comportamento de Adriano com sua filha era inaceitável. Segundo o Sr. Túlio, o colega sabia que ela havia terminado o namoro e se aproveitou de sua fragilidade.

– Há alguns meses esta professora ligou para cá reclamando do Marcos. Agora eu quero ver o que ela vai fazer com a família deste tal de Adriano!

O discurso do pai deixa Marcos surpreso e no outro dia, ainda de ressaca, o rapaz tem muitas dúvidas. Marcos deve conversar com o pai sobre a forma como ele tratou sua irmã? Deve Marcos defender a irmã usando os argumentos do pai há alguns meses? Marcos deve pedir desculpas a Fernanda pelo comentário infeliz? Se Marcos toma a frente neste caso, ele estará ajudando ou atrapalhando a irmã a conquistar sua própria liberdade? Você concorda com o pai de Fernanda e Marcos? O que você acha que ele deveria ter feito neste novo caso? O que você pensa sobre a postura de Fernanda? E será que a escola deve ser envolvida neste caso, como defendeu o Sr. Túlio?

Anexo 3

Quadro-síntese das respostas dos/as entrevistados/as

	Amber	Bianca	Bruno	Dean	Elena	Fernanda	Greg	Jessica	Joey	Kelsy	Mark	Matheus	Paulo Henrique	Renato
1. A sociedade delimita comportamentos de gênero?	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
2. Há diferença na educação de meninos e meninas?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
3. Deve haver diferença na educação de meninos e meninas?	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
4. Consegue definir o que é o machismo?	Sim	Sim	Sim	Não	Sim (P)	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim (P)	Não	Sim (P)
5. Identifica o machismo no cotidiano?	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
6. Professores, diretores e funcionários da escola diferenciam meninos e meninas?	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim
7. Apresenta um discurso machista?	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não
8. Apresenta um discurso sexista?	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não